

As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940

Jorge Luiz Medeiros Braga

Mestre em Ciências da Atividade Física (UNIVERSO - 2008)

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em descrever e analisar as condições históricas e sociais que permitiram o surgimento e fortalecimento das primeiras formas de organização de torcedores no Rio de Janeiro, no início dos anos 1940. Pudemos constatar que aparentemente certos aspectos exteriores de organização das torcidas (culto ao chefe, disciplina, ordem) e a atmosfera ditatorial do regime do Estado Novo (1937-1945), aproximariam as torcidas de movimentos conservadores. No entanto, as características próprias do campo esportivo, nos remeteram a predominância do caráter carnavalesco das torcidas como elemento central das mesmas. As torcidas possuíam códigos culturais, formas de organização e projetos próprios, manifestando, apoiando ou resistindo em função de objetivos específicos.

Palavras-chave: 1. Torcedor; 2. Rio de Janeiro; 3. anos 1940.

Abstract

This article aims at describing and analyzing the historical and social conditions that allowed the coming and strengthening of the first forms of the organized supporters in Rio de Janeiro, in the early 1940's. We could notice that apparently certain exterior aspects of the organization of the supporters (cult to the leader, discipline, order) and the dictatorial atmosphere of the "Estado Novo" regime (1937-1945) would bring together the supporters and the conservative movements. However, the characteristics of the sport field led us to consider the predominance of the supporter's carnivalesque touch the focus of themselves. The supporters had cultural codes, forms of organization, and personal projects which could back up or resist to alien forces according to their own interests.

Keywords: 1. supporters; 2. Rio de Janeiro; 3. 1940's

Introdução

Os anos 1940 ficaram marcados na história do futebol como a “Década sem Copa” (Sander, 2004) em virtude dos conflitos entre as principais nações durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), pois a competição mais importante do futebol, o campeonato mundial de seleções nacionais, iniciada em 1930 (Uruguai), foi interrompida entre 1938 (Copa na França) e 1950 (Copa no Brasil).

No Brasil, o orgulho com o nosso futebol no início da década era muito grande: a boa participação no Mundial de 1938, quando o selecionado brasileiro alcançou o terceiro lugar e o destaque dado pela imprensa esportiva internacional aos nossos jogadores (especialmente Leônidas da Silva e Domingos da Guia) e ao nosso estilo de praticar o futebol diferente dos europeus, logo nos credenciaram pensar em promover o campeonato mundial seguinte previsto para o ano de 1942.

Motivado pela repercussão de desempenho de nossa equipe, o presidente Getúlio Vargas, no princípio da ditadura do Estado Novo (1937-1945), percebia como o nacionalismo e a utilização de símbolos nacionais oriundos do esporte, poderiam ser canalizados para a exaltação do regime recém-instaurado e para afirmação do presidente como chefe supremo da nação¹.

Consolidado como esporte mais popular no país, o entretenimento do futebol atraía cada vez mais torcedores, com arenas esportivas repletas de espectadores, com a construção de novas instalações (como o Pacaembu, em 1940²) e a preocupação de ampliar a capacidade dos estádios já existentes. Com a transformação do futebol amador em

¹ Há uma vasta bibliografia a esse respeito. Alguns exemplos: (Lenharo, 1986), (Schemes, 1995), (Weffort, 1978), (Sevcenko, 1999), (Vianna, 1978), (Agostino, 2002), (Araújo, 2007), (Costa, 2006), (Parada, 2006) e (Silva, 2006).

² Sobre o Pacaembu ver: (Negreiros, 1999).

profissional, a partir de 1933, e a consolidação do rádio como principal meio de divulgação das partidas desde os anos 30, o foco em uma participação mais intensa dos torcedores durante os jogos veio através da criação das torcidas uniformizadas. Uma experiência inédita, até então, sendo iniciada em São Paulo³ (1940) e, pouco depois, abrangendo o futebol carioca, com a formação de torcidas uniformizadas (uma de cada clube⁴).

Em um período marcado por grande apelo à consciência nacionalista e por contradições políticas internas e externas, o crescimento do esporte foi favorecido pelo desenvolvimento e pelo estímulo de festividades cívicas, que reuniam grandes manifestações de massa simbolizando a unidade nacional. Não foi por acaso que os estádios de futebol foram os locais escolhidos para a realização desses eventos. Numa época de forte controle ideológico e uma política centralizadora, foi visível a instrumentalização que as ditaduras fizeram da popularidade crescente dos esportes junto as grandes massas⁵.

O estudo histórico revela que o que se deu no campo esportivo entre os torcedores e suas respectivas torcidas foi acompanhado de rupturas e descontinuidades, mas também persistências de épocas anteriores. Procuramos em todos os momentos compreender a torcida e os torcedores, entendendo suas interfaces com o contexto histórico institucional, bem como os aspectos diversos que compõem a realidade.

As características próprias do campo esportivo, nos remetem a predominância do caráter carnalizador das torcidas (Bakhtin, 1993 e Murad, 1996), sendo este, como hipótese, o elemento central das mesmas. O futebol, através das torcidas, celebraria o fim temporário das relações de hierarquia e das regras oficiais, criando uma maior integração

³ Cf. (Toledo, 1996, 2000, 2002) e (Silva, 1999).

⁴ No Vasco, surgiu a TUV (Torcida Uniformizada do Vasco), fundada em 7 de março de 1944. No Flamengo, aparecia a Charanga em 11 de outubro de 1942. Botafogo, Fluminense e América também criaram suas torcidas neste período, no entanto, não marcaram uma data específica de fundação.

⁵ Cf. (Parada, 2006); (Agostino, 2002) e (Costa, 2007).

das classes sociais e produzindo uma forma de comunicação mais espontânea. Um espetáculo polifônico, apesar dos condicionamentos históricos-políticos e das inúmeras tentativas de disciplinar e normatizar as principais condutas dos torcedores nos estádios.

O processo histórico e social da popularização e massificação do futebol entre nós, tem nessas duas Copas, boas referências explicativas. Como sabemos, começou antes e se consolidou depois. A criação e a institucionalização das primeiras torcidas organizadas, no Rio de Janeiro, durante a década de 1940, podem ser contextualizadas, no período que vai de 1938 até 1950.

Estado Novo e Copa de 1938

Esporte mais praticado no Brasil desde aproximadamente os anos 1910, o futebol alcançou uma inegável popularidade nos anos seguintes, inclusive, podendo ser considerado como parte de nossa identidade nacional. Projetando nosso país nas disputas internacionais, especialmente durante as Copas de 1938 e 1950, o futebol consolidou a paixão dos torcedores por seus clubes e ampliou para a seleção nacional.

Com a vitória de Vargas em 1930, sucede um projeto nacionalista que procura refazer a idéia de seu povo, com a valorização de aspectos da “cultura popular”. Neste sentido se redefiniam as relações entre o futebol, os brasileiros, a imprensa e a intelectualidade. Ganha incentivo a mobilização dos torcedores em torno de clubes, seleções regionais e nacional. O futebol é recolocado em outras bases, promovendo as massas populares como protagonistas (dentro e fora dos gramados), em um momento de transformação do futebol em espetáculo.

O torcedor carioca teria muitos motivos para acreditar que nos anos 1940 o futebol brasileiro e, particularmente, o de sua cidade alcançaria um patamar jamais atingido, elevando-o ao nível dos principais centros do futebol mundial. Podemos destacar três motivos para tanta confiança que são: o fortalecimento do rádio esportivo, a reunificação⁶ do futebol carioca em apenas uma liga em 1937 e o desempenho da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 na França⁷.

A possibilidade de o Brasil sediar a próxima Copa prevista para o ano de 1942 ou a de 1946, aumentava o interesse do presidente Vargas em se aproximar do futebol⁸ que se tornava ainda mais popular com o poder de multiplicação de novos adeptos com a popularização do rádio através das transmissões esportivas radiofônicas. Formava-se uma geração de novos astros e estrelas nacionais e internacionais. Dessa forma, os jogadores mais famosos garantiam ao futebol um símbolo perfeito das aspirações de um governo interessado em despertar o sentimento nacionalista e na construção da imagem de um “novo povo”, de um país caminhando para o fortalecimento de uma “identidade nacional positiva”.

A preparação da seleção brasileira para disputar o Mundial da França em 1938 contava pela primeira vez com força total, sem a briga entre paulistas e cariocas, sem a disputa entre profissionalismo e amadorismo, sem a falta de apoio governamental. Pelo

⁶ Entre 1933 e 1936 o futebol carioca estava dividido em duas Ligas de Futebol.. Em 1937 é criada a Liga de Futebol do Rio de Janeiro (LFRJ) com o fim das duas ligas cariocas. Para maiores detalhes ver Napoleão, In (Silva e Santos, 2006).

⁷ Apenas quatro jogadores não eram de clubes cariocas entre os convocados para 1938.

⁸ De acordo com o historiador Mauricio Costa, “além de uma alta subvenção a delegação brasileira para as despesas com a competição, Getúlio tinha sua figura ligada a equipe brasileira através de sua filha, Alzira Vargas, madrinha da seleção nacional”. Cf. Costa, in (Silva e Santos, 2006).

contrário, tudo estava saindo como o previsto. A união de esforços fazia com que todos⁹ se empenhassem criando um sentimento positivo ao acreditar que aquela seleção poderia representar bem o país. Era uma conjuntura do processo de popularização e massificação do futebol e, conseqüentemente, com a formação de torcidas.

Os esforços de iniciativas oficiais e particulares¹⁰ seriam fundamentais para ampliar a visibilidade de ações coletivas dos torcedores, dando condições no âmbito da sociedade civil, de formação de núcleos organizados. O próprio presidente Getúlio Vargas se aproximava cada vez mais do futebol, fazendo questão de recepcionar os jogadores antes do embarque para a França. Vargas fez questão de conversar com Leônidas, pedindo-lhe toda a dedicação possível para trazer a Taça para o Brasil. No embarque milhares de pessoas compareceram ao cais do porto do Rio de Janeiro para desejar boa sorte aos jogadores que viajavam rumo a Europa.

Vargas e o futebol

Quando Getúlio Vargas implantou a ditadura com o Golpe em 1937 instituindo uma nova Constituição que lhe dava amplos poderes, o cenário de um novo tempo estava sendo montado, com a prisão de seus inimigos e a eliminação dos direitos democráticos, garantidos pela Constituição de 1934. Começava uma época sombria na política brasileira, que seria marcada pelos crescentes esforços de concentração do poder central.

⁹ Para estimular a participação maior da sociedade foi criada a “Campanha do Selo”, com a emissão de 10 mil selos por 500 réis cada selo. O sucesso da campanha, dois meses antes da competição, colocava nos ombros dos torcedores o peso da empreitada. O patriotismo de todos seria o exemplo para o patriotismo dos atletas em campo. Isto sem falar no apelo para a sorte, já que um selo seria sorteado para o vencedor acompanhar a delegação a Europa.

¹⁰ Por iniciativa do Jornal dos Sports, foi realizada “a eleição de dois torcedores, um homem e uma mulher, escolhidos pela população e pelos leitores para representar a torcida brasileira na França” (Hollanda, 2008, 101). Os escolhidos foram chamados de embaixador e embaixatriz da torcida brasileira.

Para legitimar todo o processo de dominação política, o Estado lançava mão do controle dos meios de comunicação através de um rígido mecanismo de censura e o uso dos recursos da propaganda oficial. A criação de um órgão responsável para este serviço foi o passo decisivo desta nova etapa: criou-se o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em dezembro de 1939. Entre as atribuições do DIP, uma delas chama atenção aos eventos de massa: deveria promover, organizar ou patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuídos patrióticos (Lenharo, 1986).

Uma das orientações do DIP, dirigido por Lourival Fontes, chefe da delegação da seleção brasileira na Copa de 1934, era aproximar o governo Vargas do futebol e manter uma política de apoio ao esporte. A aproximação de Vargas com o futebol nos anos 1940 vinha de sua rede de relações familiares e de seus ministros. O melhor exemplo era o Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, irmão de Luiz Aranha, dirigente do Botafogo e presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportes), irmão de Ciro Aranha (presidente do Vasco) Getúlio teria dois membros de sua família ocupando posto de direção da Federação carioca e paulista. No Rio de Janeiro, seu sobrinho Manoel Vargas Neto e, em São Paulo, seu filho Getulio Vargas Filho¹¹.

A utilização de estádios de futebol (principalmente São Januário) para a exaltação do regime e da promulgação de leis favoráveis aos trabalhadores foram características marcantes deste período, que criou uma série de outras celebrações nacionais. Através de grandes eventos de massa, procuravam criar um clima de comunhão coletiva por meio de várias datas comemorativas.

¹¹ Getúlio Vargas Filho ficaria pouco tempo no cargo: morre com 23 anos em 05 de fevereiro de 1943), menos de 1 mês após ter sido eleito presidente da Federação Paulista de Futebol.

Os tentáculos da ditadura se estenderiam aos esportes com a criação do CND¹². Através dele, o controle estatal sobre os esportes se faziam sentir de forma acentuada. O Estado passava a controlar as atividades esportivas (Manhães, 1986). Com o CND, o Brasil passou a adotar as regras da FIFA (Napoleão, 2006), entre as mudanças: as partidas deixaram de terminar aos 80 minutos, passando para 90 minutos e o fim da substituição dos jogadores. No Rio, é criada a Federação Metropolitana de Futebol (FMF).

Em setembro de 1942, depois de declarar guerra ao Eixo, o país estava se mobilizando para o Conflito Mundial. Seguindo o clima de intenso nacionalismo, o *Jornal dos Sports* iniciou uma forte campanha pela realização de um jogo da seleção carioca contra a seleção de platinos no futebol carioca para ajudar as famílias das vítimas dos ataques. A campanha contava com a adesão de intelectuais (como José Lins do Rego), presidentes de clubes (como, por exemplo, o presidente do Fluminense, Marcos de Mendonça), jogadores, jornalistas etc. Na mesma época, o Vasco anuncia todo apoio ao Movimento Nacional de Defesa da Pátria¹³, o Flamengo promove um jantar dançante para arrecadar fundos e o América convida os associados para uma Grande Festa Cívica, com a presença do Ministro da Educação, Gustavo Capanema. Em São Paulo, o Palestra se transforma no Palmeiras.

O esporte seria usado para mobilizar a sociedade e unir os brasileiros em uma causa comum. Os clubes (com apoio do Governo Federal) realizaram várias iniciativas de mobilização da sociedade civil para a Guerra, se tornando um dos principais pólos de

¹² Cf (Costa, 2006). O CND (Conselho Nacional de Desportos) foi criado pelo Decreto-Lei n 3.199, de 14 de abril de 1941.

¹³ Em outubro, para demonstrar a força de mobilização do clube (segundo o exemplo de como conseguiu reunir recursos para a construção de seu estádio), sócios do Vasco lideraram uma campanha reunindo 70 listas subscritas com um total não inferior a um conto de réis, que seriam destinadas a compra de um avião a ser doado para o governo. Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 04 de outubro de 1942, 01 e 06.

recrutamento e formação de soldados e ainda do envolvimento das mulheres através dos serviços de enfermagem.

A aproximação do Brasil com os Estados Unidos em função da Guerra aumentou, o governo americano instigou centenas de empresas nacionais investirem em propaganda nos jornais e revistas brasileiras, operando como um estímulo ao apoio do governo e da nossa sociedade para a causa dos Estados Unidos. Surgiam redes de conexões que ampliavam a semelhança entre as sociedades, as revistas passavam a contar a vida de artistas, surgiam *fans* clubes de cantores (as), os heróis dos quadrinhos invadiam corações e mentes das crianças e nas rádios se intensificavam os sons norte-americanos, reforçando a estratégia da política de boa vizinhança.

A difusão de padrões de comportamento, hábitos de consumo e gostos típicos dos norte-americanos era explorada também pelo cinema de Hollywood que já fazia sucesso no Brasil antes dos anos 40, mas que se consolidou com a popularização do cinema, fazendo deste veículo uma poderosa arma de assimilação do “*american way of life*”.

Entre as imagens marcantes da vida americana estavam aquelas que mostravam as torcidas universitárias americanas. Esta influência não foi pequena visto que as primeiras torcidas em São Paulo¹⁴ se inspiravam no modelo americano.

Neste período é realizada, no Rio de Janeiro, a “Prova das Américas”¹⁵, uma regata universitária, patrocinada pelo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Jefferson

¹⁴ A reprodução no modo de torcer dos americanos é observada por Mario Filho, em sua crônica que ressalta a iniciativa dos paulistanos ao viajaram para o Rio (uma experiência inédita, segundo ele) para uma partida amistosa com o Fluminense, nas Laranjeiras: “...a visita da torcida do São Paulo F. C. com os seus uniformes garbosos e os seus gritos de incentivo, obedecendo ao ritmo cinematográfico copiado das universidades ‘Yankees’”. Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1942, p.06.

¹⁵ Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1942, p. 06.

Caffery, que estimulou a organização de torcidas (como as americanas) na incentivo as equipes competidoras.

A Organização das Torcidas Cariocas

Na maior parte das cidades do mundo em que o futebol mobiliza fortes paixões, predominam as disputas envolvendo duas equipes principais (Giulianotti, 2002). No entanto, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, isto nunca foi assim. Prevaleceu uma rica combinação de tensões envolvendo a formação dos clubes por diferentes regiões, os traços étnicos na composição de suas torcidas, as diferenças sociais e simbólicas entre clubes grandes e pequenos etc.

Basicamente podemos dizer que os cinco clubes mais vencedores de campeonatos (Fluminense, Vasco, Flamengo, Botafogo e América), conseguiram conquistar o maior número de adeptos. Entretanto, nos anos 1940, os clubes de subúrbio eram capazes de fornecer uma identidade clubística inimagináveis para os dias atuais. Partidas disputadas nos campos dos clubes pequenos eram consideradas “as mais perigosas”. “As oposições entre clube grande e clube pequeno transmutam-se, muitas vezes, na oposição entre clube da cidade e clube do subúrbio” (Guedes, 1998, 110).

Antes dos anos 1940, já era possível identificar pequenos grupos de torcedores (chamados pelos jornais e revistas da época de fans, adeptos, torcedores ou assistentes) que se encontravam em um mesmo lugar nos estádios. No entanto, não surgiu nenhum tipo de organização mais consistente entre os torcedores, embora existissem iniciativas, principalmente de sócios, de animarem os jogos com mais intensidade.

Da crescente organização da sociedade em grupos recreativos (carnavalescos, por exemplo) e da organização de sindicatos na Era Vargas, foram surgindo as bases para o surgimento das torcidas que contou com a participação de sócios e não-sócios dos clubes. Eram pessoas que constantemente se viam nos estádios ou mesmo no clube. Desse contato permanente foram surgindo as primeiras torcidas uniformizadas (organizadas). Em 1941, surgia entre os torcedores do Fluminense, a Turma do Placar (Mattos, 2007, 15), um grupo formado por amigos que sempre se encontravam em um local onde se reuniam no Estádio das Laranjeiras.

O Flamengo ganharia o campeonato de 1942 ao empatar em 1 a 1 com o Fluminense nas Laranjeiras. Este jogo ficou famoso como a data de fundação da primeira torcida organizada no Rio de Janeiro: a Charanga rubro-negra¹⁶. No entanto, os jornais consultados não fazem nenhum registro desse fato durante essa época. Cabe ressaltar que as figuras de Jaime de Carvalho e Manuel da Silva, já eram conhecidas pelos torcedores como chefes de torcida, embora outros clubes também tivessem seus próprios chefes de torcida, reconhecidos pelos seguidores de cada clube.

Como a Charanga surgiu sem uma data específica, através de uma organização informal, unindo membros alheios a estatutos e códigos escritos, provavelmente, a lembrança de uma data mítica constituiu a fonte histórica para a reconstrução produzida por jornalistas esportivos interessados na compilação de datas e episódios marcantes. A premência de sair na frente das torcidas dos outros clubes, talvez, tenha ajudado na recordação do dia do primeiro título do clube nos anos 1940. A fundação da agremiação estaria representada em uma data que trazia alegria, festa, música e sorte, valores presentes

¹⁶ Para uma melhor compreensão desta torcida, ver o artigo (HOLLANDA e SILVA, 2006).

nas arquibancadas, que acentuavam sua origem vitoriosa. Mais mítico que histórico. É a lembrança “doce vingança” do Fla-Flu da Lagoa de 1941, onde os papéis se inverteram (o Fluminense venceu o campeonato carioca em pleno estádio da Gávea). Em 1942, o Flamengo interrompeu um ciclo de conquistas tricolores, conquistando um título em pleno estádio das Laranjeiras.

Motivados pela conquista, os torcedores do Flamengo ficaram mais animados ainda com a vitória sobre o campeão paulista, em São Paulo. Chamado de “O Campeão dos Campeões”, contou com os chefes das torcidas rubro-negras ao movimentarem-se para reunir torcedores e receberem os ídolos na Central do Brasil. De lá sairiam 10 bondes especiais para a sede do clube onde torcedores, jogadores e dirigentes se confraternizariam. Nesta ocasião Jaime de Carvalho se autoproclama “representante da torcida das arquibancadas e das gerais”¹⁷.

Meses depois da consagrada viagem do Flamengo para São Paulo, o Vasco seguia o mesmo destino em fevereiro de 1943, e também conseguia resultados positivos. O destaque da imprensa carioca com a visita da torcida uniformizada do São Paulo motivou a criação da primeira torcida uniformizada no Rio de Janeiro, segundo o jornal O Globo¹⁸. Neste mesmo mês, os torcedores do Vasco também se organizaram e reuniram um grupo entusiasmado para ver a chegada dos jogadores da excursão a São Paulo, com direito a um tratamento digno de uma grande conquista. Ao chegarem à cidade, os atletas tiveram “uma recepção triunfal. A torcida vascaína compareceu em massa a estação de D. Pedro II, a fim

¹⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1942, p.04.

¹⁸ Cf. na seção “O Globo há 50 anos”. O GLOBO. Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 1993, p. il.

de aplaudir os heróis que regressaram de uma campanha tão brilhante (...) dos cruzmaltinos em São Paulo”¹⁹.

Chegamos ao final do ano com a conquista do bicampeonato pelo Flamengo e a festa de sua torcida que criaria um novo grito²⁰ que se eternizaria nos próximos anos. Contudo, a disputa mais importante daqueles anos era o Campeonato Nacional de Seleções, invariavelmente decidido por paulistas e cariocas. Em 1943 não seria diferente. Após perder a primeira partida em São Paulo, a seleção carioca recebeu a seleção paulista no Rio de Janeiro. Era a segunda partida disputada em uma melhor de três e o jogo que entraria para a história como a Batalha dos Fogos.

O jornalista Mario Filho, sempre preocupado em defender o futebol carioca (que ele considerava o centro do futebol brasileiro) afirmava em maio de 1943: “um exemplo que o público carioca deve imitar: o apoio de São Paulo ao futebol bandeirante”. Não que ele achasse o público paulista mais vibrante que o torcedor carioca. Nesse ponto, as torcidas se equivaleriam, tanto em uma praça quanto na outra, a emoção era bem semelhante. O que diferenciava era a presença de grandes multidões com a inauguração do Pacaembu, um estádio neutro e municipal. Enquanto no Rio de Janeiro, um clássico como Flamengo e Botafogo, era disputado em locais acanhados como a Gávea ou General Severiano, Palmeiras e São Paulo (com Leônidas da Silva) levavam mais de 70.000 pessoas. Para Mario Filho, era evidente que havia um crescimento de espectadores presentes nos estádios em São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro, a capacidade dos estádios (exceto São Januário, que abrigava 35 mil) era em média de 20.000 pessoas.

¹⁹ Cf. O GLOBO SPORTIVO. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1943, p. 09.

²⁰ De acordo com o jornalista (SANDER, 2004, p.99) foi “pela primeira vez na conquista de um título se ouvia o tradicional grito de ‘É! Cam-pe-ão !!!’, com as sílabas assim, bem separadas, para enfatizar a importância da façanha. Um grito que no decorrer do tempo acabou sendo adotado por todas as torcidas do país”.

Acompanhando o futebol paulista, o *Jornal dos Sports* fazia questão de destacar a multidão presente em um jogo entre Corinthians e São Paulo, quando 75.000 pagantes prestigiaram o evento. A organização das torcidas uniformizadas chamava a atenção de Mario Filho que logo pediria para o futebol carioca se inspirar neles: “destaque para as duas torcidas. O Pacaembu engalanou-se todo (...) aquela multidão que encheu literalmente as suas dependências, ganhando um colorido ainda mais pronunciado com a atuação destacada, cheia de bom humor e originais números, das duas torcidas uniformizadas”²¹.

Estas informações vão ao encontro das afirmativas da pesquisadora Elizabeth Murilho Silva (1999) que aponta para o pioneirismo²² dos paulistas e ainda destaca a composição social dos torcedores uniformizados (todos eles eram sócios), diferente das torcidas uniformizadas cariocas que não possuíam ainda a grandeza das torcidas paulistas nem tinham um perfil tão nítido de sócios dos clubes, pois era possível encontrar “simples torcedores” entre os componentes das uniformizadas cariocas.

Também o antropólogo e pesquisador das torcidas organizadas, Luiz Henrique Toledo (1996, 149), aponta para as transformações na composição do público com o aumento dos estádios e a preocupação em controlar os torcedores. Fenômeno este mais localizado em São Paulo com a construção de seu principal estádio.

Os anos 40 são marcados por um redimensionamento significativo do futebol profissional com a inauguração do Pacaembu (...) tal fato alavancou a participação popular nestes eventos esportivos, o que gerou uma maior preocupação de parte das autoridades em conter e regular a conduta torcedora.

²¹ Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1943, p.02.

²² Em sua crônica diária, Mario Filho, é bem claro ao dizer que as torcidas em São Paulo tinham uma organização (copiadas dos universitários americanos) que faltava as cariocas, mesmo depois da data de fundação da Charanga (11 de outubro), o que pode ser mais um indício de que esta não foi realmente criada na época apregoada. “Vendo e ouvindo a torcida uniformizada que São Paulo nos mandou, sente-se naturalmente o desejo de ver um dia os *fans* cariocas também disciplinados dentro de uma organização, como já uma vez se conseguiu na competição de torcidas do Fla-Flu (...) o ponto de partida para uma oportuna campanha em prol de arregimentação das torcidas”. Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1942, p.02.

O fato dos torcedores irem a campo com roupa dos próprios times ou com as cores dos clubes começava a se tornar uma realidade com o surgimento das torcidas uniformizadas. Nos jornais, vinha a ênfase e o apoio no comportamento organizado dos torcedores no incentivo aos times.

Entramos no ano de 1944 e a primeira novidade era a apresentação do hino oficial das torcidas, pelo compositor e radialista Lamartine Babo. Desafiado em criar músicas para os clubes cariocas, o artista não fez por menos e criou os hinos que seriam imortalizados nas arquibancadas. Junto com as marchinhas de carnaval, as torcidas entoaram seus novos hinos nos estádios. Assim, pouco a pouco, as canções nos estádios foram ganhando caráter mais popular²³ (Lopes, 2006).

A ligação das torcidas com o carnaval se fazia através da formação de bailes carnavalescos promovidos pelos clubes que contavam com o apoio de suas torcidas formavam as “guardas” na divulgação e organização das festas. Os jornais se encarregavam de noticiar a organização dos torcedores. Na mesma época, Vicente Rao, o Rei Momo em Porto Alegre, torcedor do Internacional, se tornava o “primeiro chefe de Torcida Organizada no Sul do Brasil” (Damo, 2002, 97).

As guardas que se formavam para promover o carnaval nos seus respectivos clubes não tinham uma organização permanente, possuíam um caráter temporário e se desfaziam depois dos festejos. Porém, já revelavam uma capacidade de aglutinar sócios e torcedores das agremiações nestes eventos que contribuía como uma boa fonte de renda para os

²³ No final do ano de 1942, a indústria fonográfica já percebia o crescimento deste filão ao lançar um disco em que os jogadores do Flamengo cantavam duas músicas: “Coisas do Destino” e “Vou Botar no Fogo”. O Vasco também gravaria nos estúdios da Colúmbia “as marchas da torcida organizada do Grêmio da Cruz de Malta”. O disco tinha duas marchas: “Vasco da Gama” e “Meu Pavilhão”.

clubes além de estreitar laços de solidariedade. A origem deste nome é desconhecida, provavelmente o nome de “guarda” nos remeta aos responsáveis pela transmissão oral (Benjamin) das tradições e símbolos de seus clubes. Alguns torcedores mais antigos se autodenominavam de “velha guarda”, assim como nas escolas de samba.

Os anos de 1944 e 1945 reviveram com muita intensidade a maior rivalidade do futebol carioca a partir dos anos 1920 com a acirrada disputa para ser o time mais popular da cidade. O Vasco, detentor da maior torcida do Rio de Janeiro, na década de 1920, segundo o próprio Mario Filho, em *Histórias do Flamengo*²⁴, viu seu opositor ultrapassar na preferência popular durante os próximos anos. Seria a oportunidade ideal de retomar a liderança entre os cariocas, além da rixa ter contornos nacionais, visto a hegemonia do futebol carioca em todo o território nacional.

Em 1945, novamente o clássico mais esperado daquele ano seria entre Vasco e Flamengo. A disputa significava a revanche para o Vasco do campeonato de 1944, quando o time da Cruz de Malta já era o grande favorito e perdeu para o rival na final. Florita Costa, conclama os seus torcedores para dar todo o apoio ao time: “a missão da torcida não é só de aplaudir os jogadores ao entrarem em campo (...) cumpre incentivá-los do primeiro ao último minuto”²⁵. O papel desempenhado pelas torcidas uniformizadas do Rio e São Paulo eram bem semelhantes: garantir a ordem, conforme salienta Toledo: “Muitos atribuíam e creditavam as torcidas uniformizadas um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos” (Toledo, 1999, 150).

²⁴ Em diferentes páginas, Mario Filho reafirma o domínio da torcida vascaína nos anos 1920. Entre eles podemos destacar: “O crescimento do Vasco, então, dava para assustar. Não era só o clube de mais torcida, era o clube de mais dinheiro” (Filho, 1966, p.22). “O Vasco, além de ser o campeão da cidade, era o clube de maior público” (Filho, op.cit., p.29). O jornalista ainda explica o roubo e as manobras de torcedores do Flamengo, em 1927, para vencerem o concurso, promovido pelo *Jornal do Brasil*, para saber qual era “clube mais popular do Brasil”.

²⁵ Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1945, p. 06.

O jogo é anunciado em tom épico pelo JS através da manchete: “O Flamengo para a Batalha com o Vasco”²⁶. Havia uma preocupação de não repetir os mesmos confrontos de torcedores e outros distúrbios do ano anterior. O Delegado de Jogos e Diversões pedia para não levarem bombas e fogos. Florita Costa²⁷, prevendo problemas, alertava: “haverá chefes de torcida para difundir instruções”.

Mario Filho, na véspera do jogo, reconhece que aquela partida teria contornos diferentes dos jogos anteriores e revela que a disputa nas arquibancadas seria uma competição à parte: “a torcida de cada candidato vem desempenhando um papel importante. Há o ‘Avante Flamengo!’ e o ‘Com o Vasco onde estiver o Vasco’, cartazes e bandeiras desfraldadas. O estádio se divide em grupos de torcedores que se empenham em duelos. O que era raro num *match*, tornou-se comum, o obrigatório. Trava-se também entre as torcidas”.

O entusiasmo da torcida do Vasco, após a vitória por 2 a 1 sobre o Flamengo, era tão grande que no jogo contra o Canto do Rio, em Niterói, foi organizado pelos torcedores da Cruz de Malta uma viagem contando com “15.000 vão até Niterói. A maior caravana de todos os tempos”. Na mesma época a torcida do Flamengo se organizava para se deslocar até a zona Oeste: “caravanas do Flamengo: ponto de concentração no Café Rio Branco”.

Estas caravanas de torcedores que circulavam por toda a cidade do Rio de Janeiro, especialmente nos subúrbios (Madureira e Bangu, por exemplo) ou por Niterói, podem ser consideradas as primeiras experiências coletivas de organização das torcidas que deram

²⁶ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 25 de 13 de setembro de 1945, p. 01.

²⁷ Esposa do então técnico do Flamengo, Flávio Costa, mantinha uma coluna no Jornal dos Sports intitulada “Diário do Flamengo”, em que assumia sua paixão pelo clube da Gávea e incentivo aos torcedores.

origem as famosas viagens para fora de seus estados, a partir dos anos 1960 e 1970, com a criação de competições interestaduais e nacionais. Ao estudar o fenômeno das torcidas organizadas neste período, o sociólogo Bernardo Hollanda (2008, 447), aponta a “inusitada combinação entre ascese e hedonismo”. O sacrifício de seguir o clube em estádios distantes e lugares, as vezes, hostis, não impede de vir uma satisfação pelo gosto da aventura: “curiosa combinação entre fidelidade clubística-religiosa e prazer epicuro-hedonista”. Os próximos anos revelam que essa tendência se acentuará, porém, as viagens entre os diferentes estados no Brasil, não ocorrem nos anos 1940, em parte pela dificuldade dos transportes e, por outro lado, pela incipiente organização das torcidas.

O final do campeonato de 1945 foi uma apoteose para o Vasco que vence invicto a competição. Apesar disso, o último Vasco e Flamengo do ano, disputado na Gávea, foi marcado pela violência, apesar dos esforços dos líderes em manter a cordialidade. Segundo o jornal paulista *A Gazeta Esportiva*²⁸, em 24 de novembro de 1945:

repentinamente, um tremendo sururu rebentou nas gerais, onde estavam localizadas as torcidas do Flamengo e do Vasco. Algo de inenarrável tivemos ensejo de presenciar por essa ocasião, pois, aproximadamente, perto de 10.000 pessoas trocavam pancadarias, tijoladas, cassetadas e outras coisas mais, tais como tiroteio de morteiros de bombas, que eram arrojados de um lado para outro, contra a multidão, pela própria multidão. Um espetáculo deprimente! Nunca vimos coisa igual em nossa vida. Cercas eram arrancadas, assim como tijolos da geral, e, estes, cruzavam o ar, qual um autêntico bombardeio, atingido homens, crianças e senhoras (...) (*apud SILVA, 1999, 175*).

Para comemorar a vitória, a torcida vascaína fez uma passeata em plena Avenida Rio Branco, no centro do Rio. A mesma avenida que foi o palco de desfile dos pracinhas há poucos meses. A manchete “A Passeata dos Vascaínos”, dava o tom do ato que misturava

²⁸ A omissão dos dados sobre a violência entre os torcedores, pois somente se noticiou sobre a briga em campo entre jogadores, nos alertam sobre a dificuldade de dimensionar como eram estes conflitos sem procurar outras fontes de consulta e sem desconfiar do encobrimento proposital dos jornais cariocas de notícias desfavoráveis para a imagem do futebol da cidade.

política e futebol (a eleição presidencial seria naquela semana), e revelava o efeito carnavalizador sendo transportado dos estádios para as ruas da cidade:

O Clube de Regatas Vasco da Gama organizou para hoje, ao meio dia, uma passeata monstro (...) solicitando por intermédio da imprensa o comparecimento de toda torcida vascaína, inclusive os chefes das existentes em todos os bairros cariocas: concentração na Praça Mauá e desfile pela Av. Rio Branco rumo a diversos bairros. Organização da passeata 1 parte ciclistas formando como bateristas, 2 homenagem aos desportistas brasileiros com inúmeros painéis e alegoria, 3 parte banda de musica e clarins, 4 parte Expresso da Vitoria, carro alegórico, 5 parte “A morte do Sapo”, carro alegórico, 6 “O almirante é amigo de todos”, carro alegórico, 7 parte 200 automóveis ornamentados conduzindo diretores do clube, sócios e torcedores²⁹.

O fato de a torcida carregar seus ídolos nos ombros não era uma novidade, nem a festa no estádio em comemoração ao título, mas a presença de torcedores no centro da capital do país, em um dia da semana, se confraternizando e festejando um título, era o sinal de respeito que esses torcedores alcançaram. Representam que uma nova era para o torcedor de futebol já estava presente. O ano de 1945 foi o início efetivo da consolidação das torcidas organizadas (uniformizadas) no Rio. Após este ano, alguns torcedores se tornariam símbolos permanentes dos clubes e consolidariam a organização das torcidas nas arquibancadas e sociais.

Fortalecia-se o clubismo, isto é, um “sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento” (Damo, 2006, 41). Cabia às torcidas organizadas (uniformizadas), liderar um difícil processo de conciliação de sentimentos que pareciam incompatíveis: a paixão pelo clube e a tolerância com os torcedores rivais. Com o crescimento do tamanho dos estádios, esta tarefa seria ampliada.

²⁹ Cf. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1945, p. 06.

Considerações Finais

A expectativa da proximidade de uma nova Copa do Mundo no Brasil (2014) talvez nos aproxime dos anos 1940, quando nosso país se preparou para sediar a competição pela primeira vez, em 1950. A esperança de sucesso da equipe nacional em campo não será menor que a preocupação com o comportamento dos torcedores nos estádios. Portanto, todas as atenções estarão voltadas para o Brasil, que será novamente o palco da mais importante competição do futebol e esportiva do mundo.

Podemos afirmar que, se nos anos 1940, quando foram fundadas as torcidas uniformizadas, eram uma novidade no domínio do espetáculo do futebol, sua permanência revelou que se consolidavam determinados gestos, rituais e práticas, então inovadoras. Passava-se a ser mais ostentado (através de camisas e bandeiras) o uso de cores distintivas para os torcedores de cada clube, aumentando o grau de adesão e identificação com o time, mas, por outro lado, acentuando diferenças e antagonismos. A forma de comunicação mais espontânea e direta entre o torcedor e o jogador (ou time), nos estádios menores, daria lugar a uma manifestação mais coletiva entre as massas e seus cânticos e expressões coletivas de ação.

Uma nova realidade se fazia sentir: a presença do torcedor mais do que nunca poderia ser esquecida. O futebol, como esporte e espetáculo, teria que contar ainda mais com a sua participação. Entre dirigentes, sócios, torcedores e imprensa, era consensual que o grau de participação e mobilização afetiva teria que continuar. As torcidas uniformizadas seriam integrantes permanentes do noticiário futebolístico. Em pouco tempo, os líderes das torcidas passarão a comandar uma massa de torcedores com a adesão de dirigentes e da imprensa.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. 2002. *Vencer ou Morrer*. Futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad.

ARAÚJO, Maria Paula N. 2007. *Memórias Estudantis 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

BAKHTIN, Mikhail. 1993. *A Cultura popular na Idade média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec/UNB.

COSTA, Mauricio da Silva Drumonnd. 2006. Futebol e Política: A constituição de uma identidade Nacional in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes*. Rio de Janeiro: Mauad.

_____. 2007. Pátrias em Jogo: Esporte e Propaganda Política nos Governos de Vargas e Perón. In: MELO, Victor (org.) *História Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape.

DAMO, Arlei Sander. 2002. *Futebol e identidade nacional: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRSG.

_____. 2006. A Magia da Seleção. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.28, n1, p.73-90.

FILHO, Mário. 1945. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro Gernasa.

_____. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.

_____. 1994. *O Sapo de Arubinha*. São Paulo: Cia das Letras.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. *Sociologia do futebol*. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria.

GUEDES, Simoni. 1998. *O Brasil no campo do futebol*. Niterói: EdUFF.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e SILVA, Melba F. A Charanga do Jaime. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, n 11 agosto 2006, p.58-63.

_____. 2008. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. Rio de Janeiro. Tese de doutorado PUC/RJ.

LENHARO, Alcir , 1986. *Sacralização da Política*. Campinas / SP: Editora da UNICAMP.

LOPES, Nei. 2006. Futebol e Música Popular Brasileira: do Amadorismo a Economia Globalizada. In: MURAD (org.) *Futebol de muitas cores e saberes – reflexão em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto-Portugal. Ed. Fundação Campo das Letras.

MANHÃES, Eduardo Dias. 1986. *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

MATTOS, Hilton. 2007. *Heróis do Cimento: o torcedor e suas emoções*. Rio de Janeiro: REVAN.

MURAD, Mauricio. 1996. *Dos pés à cabeça*. Elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. 2006. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). 81-105 in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes*. Rio de Janeiro. Mauad.

NEGREIROS, Plínio José de C. Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40. . In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). 1999. *Futebol, o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora.

PARADA, Maurício. 2006. Corpos Físicos como Corpos Cívicos: Práticas desportivas e Educação Física sob o Estado Novo. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Ricardo Pinto dos Santos. (Org.). *Memória social dos Esportes*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, v. 2, p. 155-184.

SANDER, Roberto. 2004. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto.

SCHEMES, Cláudia. 1995. *Festas Cívicas e Esportivas no Populismo: Um estudo comparativo dos governos Vargas (1937 – 1945) e Perón (1946-1955)*. Dissertação de Mestrado em História (USP). São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. 1999. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In _____ (org.) *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Eliazar João da. 2006. *A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade*. Governador Valadares: Univale.

SILVA, Elisabeth Murilho. A violência no futebol e a imprensa esportiva. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). 1999. *Futebol, o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 2000. *No País do Futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2002. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec.

_____. 1996. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: ANPOCS / Autores Associados.

_____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). 1999. *Futebol, o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora.

VIANNA, Luiz Werneck. 1978. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WEFFORT, Francisco. 1978. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Jornais e revistas consultados

Jornal dos Sports

O Correio da Manhã

O Globo Sportivo